

**Veículo:** Língua Portuguesa  
**Localidade:** SÃO PAULO - SP  
**Data de publicação:** 01/06/2011  
**Editoria:** Prateleira - **Página:** 63

zendo jus à sua intimidade com caracteres e tipos móveis, se vale dos traços simples e despojados de travessões, parênteses, pontos e vírgulas para esboçar uma narrativa visual minimalista, bastante fiel ao espírito do poema.

### Artes plásticas

O uso da pontuação como base para desenhos e ilustrações não é propriamente uma novidade. Basta conhecer o trabalho de Marcílio Godoi, colunista de *Língua*, que desde 2006 faz caricaturas de nomes da literatura brasileira empregando exclusivamente sinais gráficos do idioma [ver página 66]. Em outro caso, o poeta norte-americano e. e. cummings (1894-1962), por sua vez, empurrou a poesia para a fronteira com as artes plásticas ao se apropriar dos sinais gráficos de maneira bastante particular. Cummings tempera seus versos com pontos, vírgulas e travessões deslocados (e inusitados), que poderiam muito bem ser um problema a qualquer poeta menos inspirado, mas que ele reverte em artifício poético ainda hoje considerado um recurso de vanguarda. Tanto é que a técnica foi assimilada posteriormente pelo movimento concretista brasileiro.

A publicidade também contribuiu para dar destaque à questão da pontuação. Coube à vírgula, inclusive, o papel principal numa campanha da Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Desenvolvida pela agência Africa para os cem anos da associação comemorados em 2008, o comercial “Vírgula” brincava com as diferenças de sentido entre enunciados que seriam idênticos, não fosse a presença (ou a ausência) do referido sinal (por exemplo, “Vamos perder, nada foi resolvido”, “Vamos perder



Cartaz da campanha para o centenário da ABI: vírgula como protagonista



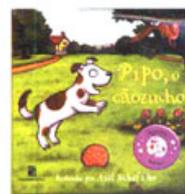
O poeta norte-americano e. e. cummings: poesia com uso de sinais gráficos

nada, foi resolvido”). O comercial terminava com a fatídica sentença: “Uma vírgula muda tudo”.

Que o digam as vírgulas e os outros sinais “belicosos” do poema de Morgenstern, cujo potencial criativo nada mais é do que um comentário lúdico – e por que não didático? – sobre os conflitos entre forma e conteúdo inerentes à linguagem.

## Linguinha indica

**Pipo, O Cãozinho,**  
de Axel Scheffler  
(Ed. Salamandra,  
10 p., R\$ 22,30)

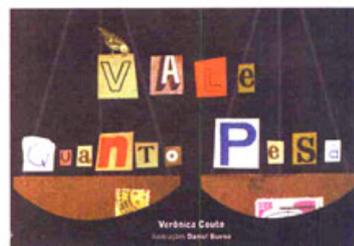


Pipo é um cãozinho muito amigo e travesso, adora pular e brincar, mas também vive latindo para assustar outros animais, expressar tristeza ou sentir-se alegre. Pipo late até mesmo para as visitas ou sempre que vê o carteiro passar!

**Avesso,**  
de Tomás Chiaverini  
(Ed. Global, 240 p.,  
R\$ 32,90)



Um repórter recém-formado viaja à Amazônia em busca de boas histórias, uma aventura que irá marcar sua passagem para a vida adulta.



**Vale Quanto Pesa,**  
de Verônica Couto  
(Ed. Peirópolis, 48 p., R\$ 29)

Zé Terereca e João Pato são amigos, até que uma briga abala essa amizade. E enquanto Zé escreve um bilhete de desculpas, seu avô lhe ensina a pesar as palavras.